

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise



COISA E PALAVRA

Fabiana de Mattos Grosso - fabiana_mg@hotmail.com

Resumo: Leitura e comentário do primeiro discurso de Lacan em Roma. O presente estudo visou acompanhar o percurso proposto por Jacques Lacan, na formação do analista, considerando o pressuposto elementar da compreensão da função e do campo da fala e da linguagem para psicanálise. Em seguida o texto visa mostrar a relevância de um retorno à obra freudiana até o percurso proposto como necessário à formação do analista em sua própria obra.

Palavra-chave: formação, discurso, função, campo.

São Paulo

2021

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise



THING AND WORD

Fabiana de Mattos Grosso - fabiana_mg@hotmail.com

Summary: Reading and commentary on Lacan's first speech in Rome. The present study aimed to follow the path proposed by Jacques Lacan, in psychoanalyst formation considering the elementary assumption of understanding the function and field of speech and language for psychoanalysis. Next, the text aims to show the relevance of a return to Freud's work to the path proposed as necessary for the training of the analyst in his own work.

Keyword: training, speech function, field.

São Paulo

2021

No Instituto Vox, há um grupo de leitura dos textos de Freud, cuja diretriz sempre foi a de estudar Freud por Freud, por se acreditar que era muito importante para o estudo da obra de Lacan, saber de onde ele partiu; assim acompanhamos os textos de Freud que vão sendo trabalhados nos Seminários.

Nos primeiros capítulos do Seminário VII, Lacan nos pede para voltar ao texto O Projeto de Freud, me perguntei por que voltar a este texto em específico e entendo hoje que foi preciso retornar a este texto inicial da obra, para que Lacan desse um passo além. Percebo que a necessidade de voltar aos ensinamentos anteriores também estiveram presentes ao iniciar este texto.

Nestes anos passados de estudo, um dos pontos de destaque foi no sujeito falante e em como essa fala se articulava com os conteúdos de sua subjetividade, ou seja, seus conteúdos inconscientes, palavras (subjetividade e inconsciente) constam primeiro na obra freudiana. Segue um breve retorno a algumas considerações de Lacan sobre fala, linguagem e verdade para, depois, articular com o Seminário VII.

Lacan aponta que considera um “problema perturbador” a revelação que se apresenta da verdade do sujeito que consta da fala.

É importante ressaltar que aqui nos é apresentada uma sobreposição: a verdade do sujeito já consta da fala.

Descreve essa fala como não sendo nem verdadeira nem falsa, que essa verdade que consta na revelação é a fala presente e explica que fala presente é aquela que é atestada na realidade atual e que funda essa verdade em nome da realidade humana. Mais uma vez, Lacan aponta para fala e verdade. Lacan escreve:

É categórico que se compreenda que (...) não se trata, na anamnese psicanalítica, de realidade, mas de verdade, porque o efeito de fala é reordenar as contingências passadas dando-lhes o sentido das necessidades por vir, tais como os constitui a escassa liberdade pela qual o sujeito as faz presente (LACAN, 1953 p. 257)

Para a compreensão da dialética analítica é necessária a compreensão de que o eu é uma construção imaginária e que é necessário que seja assim para sermos sujeitos humanos, mas esse eu imaginário não é a totalidade do sujeito.

Neste momento do ensino, Lacan usa a expressão “muro de linguagem”, escrevendo que é a partir de uma ordem definida pelo muro da linguagem que o imaginário toma sua falsa realidade: é uma realidade nomeada de falsa, mas que é toda uma realidade verificada. Indica essa realidade humana verificada, como a realidade organizada na fala, aquela que

compreendemos, aquela que tem sentido, aquela de que o sujeito fala, quando chega à análise, esperando do analista, compreensão e sentido.

Ao falar do muro de linguagem insere outra nomeação, a mesma usada no Seminário VII, diferenciando sujeito psíquico e palavra virtual, recorrendo às expressões: linguagem real psíquica e fala real humana.

Em outro momento da obra, Lacan explica a mesma coisa de outra forma, que entendo ser importante para o passo seguinte.

Lacan pontua a importância de identificarmos a fala primeira do paciente ao iniciar uma análise, designada como relação de fala virtual (e também como fala real humana, posteriormente), pela qual o sujeito recebe do Outro sua própria mensagem, sob a forma de palavra inconsciente, sendo traduzida da seguinte forma: essa mensagem inconsciente é interdita, o sujeito a desconhece, ela vem deformada, estagnada, interceptada pela relação imaginária, isso quer dizer entre o eu e o outro, este outro é o seu semelhante.

Essa relação imaginária é essencialmente alienada, ela interrompe, desacelera, inibe, inverte, na maioria das vezes, o que o sujeito na palavra falada verbaliza, o sujeito desconhece sua relação com o Outro. Lacan nos diz que, na palavra falada, o “sujeito é por excelência capaz de enganar”.

Enganar a quem? enganar a si mesmo, por simplesmente desconhecer o sujeito psíquico que se encontra ali na palavra virtual, ou seja, por desconhecer, na fala real humana, a linguagem real psíquica.

No decorrer dos dois seminários que antecedem ao sete, acompanhamos Lacan no passo a passo da constituição psíquica do sujeito, desde antes de seu nascimento até o desejo do Outro, onde inevitavelmente estamos fixos. Essa fixidez é necessária para a constituição de qualquer ser falante; nós o acompanhamos até o seguinte ponto da teoria: o desejo do sujeito está no desejo do Outro.

Importante ressaltar que Lacan situa claramente o lugar do Outro na descoberta freudiana, ao escrever que:

“(…) o sujeito estar na neurose ou na psicose depende do que se desenrola no Outro, que o que nele, sujeito, se desenrola articula-se como um discurso que ele nomeia de inconsciente; então, o inconsciente é o discurso do Outro, no qual se apresentam os chistes, os lapsos, os sonhos descobertos por Freud” (LACAN, 1955, p. 555)

Entendo ser necessário voltar a Freud. Neste momento, ele nos ensina que aquilo que o sujeito fala são conteúdos acessados pela consciência que estavam num processo de ligação ao pré-consciente e ao inconsciente, mas que esses conteúdos inconscientes não tinham acesso

direto pela consciência e diferencia esses conteúdos em princípio do prazer (inconsciente) e princípio de realidade (consciência/pré-consciente). Não vou me deter aqui na complexidade da teoria freudiana; fiz somente uma simples pontuação da primeira tópica.

Nos é proposta a reflexão do percurso freudiano, analisando os relatos clínicos que constam da obra, para constatarmos que, de alguma forma, os casos considerados de sucesso ou fracasso, inclusive pelo próprio Freud, estavam ligados às leis morais vigentes na época.

Maurano nos fala da teoria Freudiana:

(...) o desejo será definido como um impulso psíquico que tenta reinvestir um traço de memória da percepção de uma hipotética primeira experiência de satisfação que o bebê teria vivido, graças ao auxílio alheio vindo em seu socorro, fornecendo alívio frente ao desamparo e ao desconforto dos primeiros estímulos propiciadores de excitação. Essa primeira experiência ficaria, portanto, referida ao encontro com o objeto complementador, perdido para sempre. (...) [n]esse objeto perdido situa-se a vinculação do desejo à falta (...) a falta presente na própria prematuridade do bebê humano encontra aí um ponto de ancoragem no universo da significação, ao inscrever-se como referida a este objeto que o desejo tenta tornar presente. (MAURANO, 1994, p.22).

Assim, tal desejo, refere-se ao objeto mítico e que funda a dinâmica do psiquismo, é por natureza inapreensível e indestrutível, uma vez que tem a falta como motor.

Lacan aponta que os objetos mais importantes em questão para o sujeito são os objetos falantes, e é desta fala que o sujeito vai poder ver, no discurso dos outros, revelarem-se os processos que habitam seu inconsciente, dito de outra forma, nós não apreendemos o inconsciente senão pela sua explicação, no que ele é articulado em palavras; assim Lacan nos diz que esse inconsciente não tem outra estrutura que não seja a estrutura de linguagem.

O sujeito, para Freud, vai passar a vida em busca dessa satisfação perdida, na tentativa, pela fantasia de buscar o que foi perdido, de preencher esse vazio. Lacan caminha pela obra de Freud, apontando a primeira tópica com a oposição entre o processo primário e secundário, com as relações que faz entre consciente, pré-consciente e inconsciente, introduzindo o narcisismo nesta economia psíquica; depois, a segunda tópica com a valorização das funções recíprocas do eu, do supereu e do mundo exterior, depois, ainda, traz a importância, nesse momento, dos textos *Mal estar da Civilização* (1930) e o texto da *Negação* (1925).

Este caminho é necessário para pensar no mal-estar do homem no mundo. Para Freud, a apreensão dos processos de pensamento ocorrem unicamente na medida em que produzem palavras; as palavras são o que caracterizam a passagem ao pré-consciente; essa passagem, para Lacan, são dos movimentos, dado que são movimentos inconscientes.

Reitera que, para Freud, os processos de pensamento só nos são conhecidos pelas palavras: o conhecido do inconsciente vem a nós em função das palavras, inicia pelo grito (grito como palavra), tem a função de descarga e desempenha um papel de uma ponte no nível do

qual algo do que ocorre pode ser pego e identificado na consciência, esse algo aparece na consciência como um sinal de valor, presença e estrutura.

Em O Projeto, Freud, propõe que para pensar o sujeito falante, temos que entender que tudo o que se refere aos processos de pensamento pode tomar forma na subjetividade do sujeito e que a função do prazer e da realidade numa relação que precisamos sempre vincular mais intimamente.

Ressalta também que o termo *Bahnung*, utilizado por Freud, evoca a constituição de uma vida de continuidade, uma cadeia, e crê que se aproxima da cadeia significante de Lacan e que há um paradoxo na *Bahnung*, sendo o paradoxo de estar no lugar onde reina o princípio da articulação pela *Bahnung*, o lugar também onde se produz todo o fenômeno alucinatório da percepção, da falsa realidade à qual o organismo humano é, em suma, predestinado.

É nesse mesmo lugar que se formam, e de uma maneira inconsciente, os processos orientados e dominados pela realidade, uma vez que se trata de o sujeito reencontrar o caminho da satisfação.

Nessa ocasião, a satisfação não poderá ser confundida com princípio de prazer, traça o esboço daquilo que vai representar o funcionamento normal do aparelho, ele fala não de reação específica, mas de ação específica como correspondente de uma satisfação. (LACAN J., 1959)

Lacan faz uma analogia para refletir um pensamento ético:

De um lado, [à] busca de uma qualidade arcaica, diria quase regressiva, de prazer indefinível, que anima toda a tendência inconsciente, e do outro lado, [a]o que pode haver nisso de realizável e de satisfatório no sentido mais completo, no sentido moral como tal. (LACAN, 1959, p. 56/57)

Maurano escreve que, para Freud, “o caminho da construção da sua obra, a psicanálise, é, se não explícita, implicitamente marcado pela preocupação ética”. (MAURANO, 1994, p.22). Uma das questões que concerne a ética é pensar a ação humana: em toda ação há a presença da moral, é ela que rege as leis. A busca pela felicidade sempre esteve presente, o pedido de ajuda antes era endereçado ao oráculo, ao filósofo ou ao padre.

Com o nascimento da psicanálise, há mais um endereçamento, o psicanalista, assim o pedido de ajuda permeia, de forma explícita ou implícita, a busca da felicidade. O raciocínio, o pensar sobre a felicidade, como Lacan nos mostra por todo seminário A Ética da Psicanálise, não considerava o conflito interno do sujeito, não considerava a singularidade do sujeito que vai agir, existir na vida.

A psicanálise, inaugurada por Freud, traz essa imensa novidade. Lacan fala que este “conflito se encontra aí em primeiro plano e que desde o início o conflito é, (...), massivamente

de ordem moral. (...) o problema do conflito se coloca no interior de toda elaboração moral”. (LACAN, 1959, p. 59)

Entendo que precisei de todo o caminho percorrido neste texto até agora, para poder introduzir o termo a Coisa que, em alemão, tem duplo significado, termo que possui uma sutil oposição em das Ding e die Sache. Die Sache é justamente a coisa, produto da indústria ou da ação humana enquanto governada pela linguagem.

Nesta ação, as coisas estão na superfície, estão ao alcance de serem explicitadas. Die Sache é a coisa no sentido da passagem à ordem simbólica de um conflito entre dois homens.

Há uma relação entre a representação da coisa e a representação da palavra. As coisas do mundo humano são as coisas de um universo estruturado em palavras, que a linguagem, que os processos simbólicos dominam, governam.

Lacan introduz esse termo para falar de certas ambiguidades, certas insuficiências referentes ao verdadeiro sentido da oposição entre princípio de realidade e princípio de prazer na obra freudiana. Estas ambiguidades resultam de algo que é da ordem do significante e até mesmo da ordem linguística.

Lacan nos fala então que a coisa freudiana se relaciona ao Die Sache, e que o das Ding é outra coisa; das Ding é o segredo e nos explica que há um paradoxo no princípio de realidade de Freud (ligado ao Die Sache) e que das Ding é algo mais forte, relacionado com a urgência, com a pressão, urgência da vida.

O segredo depende do mundo físico para ser articulado, como que isolando o sujeito da realidade humana. Esse mundo exterior é essa coisa que ela, a coisa, tem que se virar. Das Ding é o que Lacan nomeia inicialmente de fora do significado “(...) é em função desse fora-do-significado e de uma relação patética a ele que o sujeito conserva sua distância e constitui-se num mundo de relação, de afeto primário, anterior a qualquer recalque.” (LACAN, 1959, p. 70).

Logo no início do seminário VII, A Ética da Psicanálise, eu me detive num esquema que parecia trazer algo novo e ao mesmo tempo indicava que agora Lacan nos traria o sujeito falante, nos colocando para pensar até onde Freud foi em sua obra e qual o passo que Lacan nos apresentava.

Compreendi que Lacan aproxima a expressão “o desejo do sujeito está no desejo do Outro”, ponto que encerra o Seminário VI, para, no seminário seguinte, aproximá-lo do inconsciente freudiano, de sua obra com a expressão “o inconsciente é o discurso do Outro”; para este percurso, trabalha os conceitos de moral e das Ding, considerando a ação humana.

Referências Bibliográficas

- FREUD, S. (1895). **O Projeto. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago (1996).
- LACAN, J. (1953). **Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise –** Campo Freudiano do Brasil, editora Zahar (1998).
- FREUD, S. (1895). **O Projeto. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago (1996).
- LACAN, J. (1955-1956). **De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose.** Campo Freudiano do Brasil, Rio de Janeiro: editora Zahar (1998).
- LACAN, J. (1959-1960). **O Seminário VII: A ética da psicanálise-** Campo Freudiano do Brasil, editora Zahar (2008).
- LACAN, J. (1954-1955). **O Seminário II: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise.** Campo Freudiano do Brasil, Rio de Janeiro: Editora Zahar (2010).
- LACAN, J. (1956-1957). **O Seminário IV: A relação de objeto Campo Freudiano do Brasil,** editora Zahar (1995).
- MAURANO, D. (1994). **Nau do desejo. O percurso da ética de Freud a Lacan.** São Paulo: Editora Relume-Dumará (1995).